

Amazônia nas toadas do boi-bumbá Garantido

Juliana Batista Azevedo¹

Universidade Federal do Amazonas

Hellen Cristina Picanço Simas²

Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O presente artigo reflete sobre constituição da imagem da Amazônia nas letras de toadas do boi-bumbá Garantido. O gênero textual toada foi escolhido porque sugere a realidade social do homem amazônico e produz discursos sobre a região amazônica. Foi utilizada como metodologia a Análise do Discurso de linha francesa, a qual é representada por Michel Pêcheux e, no Brasil, por Eni Orlandi. A teoria discursiva ajuda-nos a perscrutar sentidos relacionados à imagem da Amazônia presentes nas toadas. O estudo revela que nas toadas também é produzido discurso em favor da preservação ambiental da região amazônica e que nas letras são destaque mecanismos de degradação dos recursos naturais da região.

Palavras-chave: Amazônia; Análise do Discurso; Boi-Bumbá; Toada.

Abstract

This article reflects on the constitution of the image in Amazon tunes letters boi-bumbá Garantido. The tune genre was chosen because it suggests the social reality of the Amazonian man and produces discourses on Amazon. It was used as the methodology Analysis of French Discourse, which is represented by Pêcheux and in Brazil by Eni Orlandi. The discursive theory helps us to peer meanings related to the Amazon image present in tunes. The study reveals that the tunes is also produced speech in favor of environmental conservation in the Amazon region and the lyrics are highlighted mechanisms of degradation of natural resources in the region.

Keywords: Amazonia; Discourse analysis; Boi-Bumbá; Tune.

Introdução

Diariamente produzem-se discursos acerca da região amazônica. Os nativos, por exemplo, reconhecem-na como indispensável à sobrevivência, já os estrangeiros, como fonte de produtos exóticos. Ela é vista, muitas vezes, como fonte inesgotável de recursos naturais

¹ Acadêmica do Curso de Comunicação Social / Jornalismo.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Professora efetiva do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Líder do Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (Nel-Amazônia/CNPq). Atualmente desenvolve estudos relacionados ao levantamento sociolinguísticos dos índios urbanos da etnia Sateré-Mawé do Baixo Amazonas, além de estudos sobre gêneros textuais jornalísticos na perspectiva bakhtiniana e pecheutiana. Email: india.parintintins@gmail.com

por conta da extensão que possui; em outros discursos ela é entendida como local que precisa ser preservado, pois há muitos anos vem sendo explorada de forma contínua e, por isso, sofre grandes danos ambientais.

Há diversos meios pelos quais são propagados discursos sobre a Amazônia, um deles é a mídia. Ela ajuda a difundir vários discursos sobre a região. A toada também é um mecanismo que reflete a realidade social do homem amazônida, seja no âmbito do imaginário ou do real, porque expõe em suas letras traços da realidade e das lendas e “estórias” que são contadas na região. Nela também é produzido discurso a partir do olhar daquele que vive na Amazônia, um olhar de dentro, que, ao mesmo tempo, que reflete um olhar sobre a região o constitui. Logo, faz-se necessário estudar esses olhares para confrontá-los com outros olhares, geralmente de sujeitos externos ao contexto amazônico para se pensar e entender a constituição do imaginário sobre a Amazônia de maneira ampla.

O *locus* de pesquisa é a cidade de Parintins, cidade conhecida internacionalmente pela realização do festival folclórico que consiste na disputa entre os bois-bumbás Garantido e Caprichoso. O festival acontece desde 1966, porém, a origem dos bumbás, data de épocas anteriores. Ainda que não haja consenso, a fundação de ambos data de 1913. De acordo com registros bibliográficos, o bumbá Caprichoso foi fundado pelos irmãos Cid e Luís Gonzaga; o Garantido, fundado por Lindolfo Monteverde.

Atualmente a disputa entre os bumbás Garantido e Caprichoso acontece no último fim de semana do mês de junho no Centro Educacional e Desportivo Amazonino Mendes, o Bumbódromo. Em três noites de apresentação dos bumbás, são retratadas as temáticas regionais como lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos através de alegorias gigantescas e encenações apoteóticas. A toada é o ritmo que comanda a festa.

O *corpus* de estudo é formado por 9 toadas do boi-bumbá Garantido, lançadas nos anos de 1994 a 2006. Na pesquisa é utilizada a Dialética como metodologia e a Análise do Discurso de linha francesa, representada por Michel Pêcheux e, no Brasil, por Eni Orlandi como base teórica para estudar os sentidos relacionados à imagem da Amazônia presentes nas toadas em estudo.

Neste sentido, este projeto parte da seguinte problemática: Como a imagem da Amazônia é constituída discursivamente nas toadas do boi-bumbá Garantido? E para nortear está pesquisa estipulamos as seguintes hipóteses: as toadas em sua maioria tratam sobre a degradação ambiental da Amazônia, bem como a imagem da Amazônia é construída

discursivamente como uma região intocada e, por fim, entendemos que as toadas refletem uma imagem estereotipada da Amazônia.

Para discutir essas hipóteses, elaboramos os seguintes objetivos específicos: identificar o discurso de preservação ambiental presente nas toadas do boi-bumbá Garantido; verificar o discurso místico contido nas toadas e entender as vozes assumidas pelo sujeito discursivo nas toadas, tentando entender sua identidade.

Como não há muitos estudos sobre a constituição discursiva das toadas, especificamente, do bumbá Garantido, usando a perspectiva da Análise do Discurso francesa, este projeto pretende fomentar as discussões sobre Amazônia visto que há uma gama de olhares e imagens construídas da região e visa contribuir com essas discussões.

Gêneros textuais

Para Bakhtin (2003), os gêneros do discurso resultam em formas-padrão “relativamente estáveis” de um enunciado, determinados sócio-historicamente. O autor refere que só nos comunicamos, falamos e escrevemos através dos gêneros do discurso. Para Dionísio *et al* (2005, p. 23) eles “constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas”.

Bakhtin (2003) classifica os gêneros do discurso em primários e secundários. Os gêneros do discurso primários surgem em situações comunicativas cotidianas, espontâneas não elaboradas, informais que sugerem uma comunicação imediata. Como o diálogo cotidiano, a carta, o bilhete. Já os secundários, de acordo com Bakhtin (2003, p. 262), “surge nas condições de um convívio cultural mais complexo relativamente muito desenvolvido e organizado, como o campo artístico”. Normalmente são mediados pela escrita, os exemplos são: o romance, a tese científica, a palestras, entre outros. A notícia, por exemplo, é um gênero textual que tem por objetivo informar algo que aconteceu, a linguagem é simples e o texto apresenta características narrativas e descritivas.

É necessário distinguir os gêneros do discurso, também conhecidos por gêneros textuais, dos tipos textuais ou tipologias textuais. Se os gêneros textuais resultam de formas “relativamente estáveis” de um enunciado, determinados sócio-historicamente e classificam-se em primários e secundário havendo inúmeros deles. Os tipos textuais, por outro lado e de acordo com Dionísio *et al* (2005, p. 22), são “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}”. Eles constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são

textos empíricos. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e tempo verbal.

Os tipos textuais abrangem as categorias conhecidas como: a narração, predominante em gêneros como crônica e romance; a argumentação que predomina em editorial de um jornal e tese de doutorado; a exposição, recorrente em aulas expositivas e conferências; a descrição que é evidente em lista de ingredientes de uma receita e guias turísticos; e a injunção que aparece em bula e manual de instruções de um aparelho. Em suma, é importante distinguir os gêneros do discurso dos tipos textuais, pois essa distinção é fundamental para a produção e a compreensão textual.

A toada

São diversos os elementos que compõe o Festival Folclórico de Parintins. Há os itens individuais como: levantador de toadas, boi-bumbá evolução, apresentador, amo do boi, sinhazinha da fazenda, cunhã-poranga, porta-estandarte, rainha do folclore e o pajé. E também os coletivos e alegóricos que são: tribos indígenas, tuxauas, vaqueirada, galera, coreografia, rituais indígenas, figura típica regional, alegoria, lenda amazônica e marujada de guerra ou batucada. A toada também é item, logo recebe uma pontuação na disputa entre os bumbás. Houaiss (2001) define toada como designação atribuída a qualquer cantiga de melodia simples e monótona, de texto geralmente curto com estrofe e refrão; ela trata de religião, natureza, fatos e figuras da história do Brasil.

No contexto do Festival Folclórico de Parintins e de acordo com Farias (2005, p. 63), denominam-se toadas “as composições musicais feitas para a apresentação dos Bois-Bumbás”. Elas versam sobre o tema pela associação folclórica para o festival.

A toada, a partir da teoria baktiniana, pode ser entendida como um gênero textual escrito cuja realização é oral, ou seja, escreve-se a letra das toadas, mas são para serem cantadas. Sua realização e utilização nas atividades social são sempre orais. As letras das toadas transmitem um conhecimento popular, um saber cultural do povo que criou este tipo de texto. Assim, entender suas letras é uma tarefa que ajuda a compreender a identidade povo amazônica.

A toada tem muita importância para o festival, pois “tem o papel de reger sucessivamente os momentos da apresentação, atuando como uma espécie de trilha sonora do espetáculo” (PANTOJA, 2003, p.12). As letras falam sobre temas relacionados à região amazônica como paisagem, destacando-se os elementos como a fauna e a flora, o homem

caboclo em seu contexto social, a morena bela, que ressalta a sensualidade, a graça e a beleza da mulher amazonense. Também fazem referência aos grupos indígenas da Amazônia, à mitologia regional e aos personagens do Auto-do-boi como Pai Francisco, Mãe Catirina, Amo do boi, Sinhazinha da Fazenda, Pajé e o próprio boi.

As figuras como cunhã-poranga, rainha do folclore, criaturas fantásticas entre outros que foram introduzidas no formato atual do festival também têm suas próprias toadas. Elas também são criadas considerando o tema definido pela associação folclórica para ser apresentado naquele ano. Desde o surgimento dos bumbás, a toada sofreu transformações quanto à técnica de produção e ao ritmo.

Toadas como “Tic tic tá” e “Vermelho” do boi-bumbá Garantido ganharam notoriedade no Brasil e no mundo. Tic tic tá é do ano de 1993, composição de Braulino Lima, tornou-se sucesso internacional em 1996 com o grupo amazonense Carrapicho, principalmente na França, onde ficou durante três semanas em primeiro lugar na paradas de sucesso. A toada “Vermelho”, composição de Chico da Silva, lançada em 1996, é considerada um dos hinos do boi da baixa de São José. Ficou conhecida na voz de Fafá de Belém, ganhou o mundo e virou hit no Festival do Avante em Portugal.

A toada é um gênero do discurso do tipo secundário que se caracteriza por um conteúdo que faz menção as lendas e a mitos amazônicos, imitando os cantos dos pássaros e os sons da floresta. As composições têm letras que variam de tamanho. O ritmo é caracterizado pela batida do tambor, o chiado do rocar, a cadência da palminha, o trepicar da caixinha que entram em harmonia com outros instrumentos clássicos ou populares.

Análise do Discurso - AD

O discurso é o objeto de estudo da teoria Análise do Discurso (AD) de linha francesa e, por discurso, entende-se um efeito de sentido, uma posição ou ideologia que se concretiza na língua. Para Orlandi (2002), o discurso é a palavra em movimento. É por meio da língua que o homem produz sentidos e está a todo instante se significando.

A AD surgiu nos anos 1960, ela se filia em três campos do conhecimento a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo. Desse modo a Análise do Discurso

Interroga a Linguística pela historicidade que deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se desmarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2002, p.20).

A Linguística pressupõe que a linguagem não é transparente e tem um objeto próprio: a língua. A AD mostra que a concepção de linguagem/pensamento /mundo não é um sistema unívoco, ou seja, não é uma relação que se faz termo-a-termo e reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem. Da Psicanálise, a AD desloca a noção de homem para sujeito que se constitui na relação com o simbólico, neste sentido o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

A AD considera que a linguagem não é transparente e procura detectar num texto como ele significa. Ela vê o discurso como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa. Portanto, com o estudo do discurso, pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história.

Um conceito caro a AD é a noção de formação discursiva (FD). A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada, a partir de uma posição específica em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode ser dito. No discurso as formações discursivas representam as formações ideológicas, sendo, assim, os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

A formação discursiva tem dois tipos de funcionamento: a paráfrase e o pré-construído. Na paráfrase, a formação discursiva é uma constante retomada e reformulação dos enunciados, como forma de preservar sua identidade. E no pré-construído são as construções anteriores e exteriores, que se diferenciam do que é construído pelo enunciado.

Outro conceito é o de polifonia que, segundo Ducrot (1988), parte da tese de que todo texto traz em sua formação uma pluralidade de vozes que podem ser atribuídas a diferentes locutores como os discursos relatados, as aspas, citações ou a diferentes enunciadorees quando é possível perceber que o locutor se inscreve no texto a partir de diferentes pontos de vista, assim se define o dito e o não dito.

A noção de interdiscurso e intradiscurso também é importante para AD. O interdiscurso, segundo Orlandi (2002), é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos e o intradiscurso é o que estamos dizendo num momento dado, em condições dadas.

Sujeito Ideológico

O sujeito do discurso resulta do processo de incorporação e dissimulação na qual o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui. Ele incorpora o interdiscurso

no intradiscurso, de onde resulta a identidade imaginária do sujeito. O sujeito neste sentido se reconhece em outro sujeito segundo a modalidade do *como se*: “como se eu que falo estivesse no lugar onde alguém me escuta”, Pêcheux (1975, p. 168 apud CARVALHO, 2008, p. 89). Assim, o discurso do sujeito seria análogo aos fenômenos de paráfrase e de reformulação de uma formação discursiva dada, onde os diversos sujeitos se reconhecem entre si.

Para que o sujeito produza sentidos, ele tem que sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, tem que se submeter à língua e à história para se constituir. Em AD, o sujeito apresenta diferentes faces como a forma-sujeito-religioso e sujeito-de-direito. A noção geral de sujeito é a de um indivíduo subordinado, um súdito. Um exemplo é a forma-sujeito-religioso da Idade Média, o qual que era submetido ao discurso religioso, às leis da Igreja.

Mesmo na sociedade atual o sujeito apresenta outras características que também estabelecem subordinação e, segundo Orlandi (2002, p. 50),

O sujeito representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento.

O sujeito da modernidade é submisso não mais às leis regidas pela Igreja, e sim às leis do Estado que estabelecem direitos e deveres. O sujeito-de-direito ou jurídico é resultado da sociedade capitalista moderna.

Vale ressaltar que sem ideologia não há sujeito, “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2002, p. 46).

Os sujeitos são intercambiáveis, pois o seu dizer só tem sentido a partir da formação discursiva (FD) em que se inscrevem suas palavras, de modo equivalente a outras falas que também o fazem dessa mesma posição. “O sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2002, p. 49).

Para o sujeito da enunciação, há três funções diferentes: locutor enquanto tal, sujeito empírico e enunciador. O locutor (L) é a pessoa que se apresenta como responsável por um enunciado, o sujeito empírico (SE) é o produtor do enunciado, e o enunciador (E) é o responsável pelos pontos de vista gerados a partir dos enunciados. Para Ducrot (1988), a polifonia aparece somente nas funções de locutor e enunciador.

A polifonia dos locutores é explícita ou marcada e se concretiza discursivamente por meio do discurso relatado, estilo direto ou indireto, existem pelo menos dois locutores distintos. Já a polifonia de enunciadores é a não marcada ou implícita. Ela ocorre quando, no mesmo enunciado, são identificados pontos de vistas diferentes, colocados em cena pelo locutor.

Vale ressaltar que, ao analisar as toadas, não estamos considerando o locutor, ou seja, “sujeito empírico”, mas nossas análises consideram o discurso do enunciador, ou seja, o “sujeito discursivo”, denominação que utilizaremos nesta pesquisa, pois é nesta categoria de análise que evidenciaremos os discursos sobre a Amazônia presentes nas toadas em estudo.

Nas análises, dar-se-á ênfase a compreensão das identidades assumidas pelo sujeito discursivo das toadas e das formações ideológicas e discursivas presentes no gênero em estudo.

Metodologia

O *corpus* de estudo desta pesquisa não é exaustivo, mas representativo, conforme o método dialético e a concepção teórica de Análise do Discurso sobre funcionamento de linguagem. Ou seja, o que aparecer no recorte selecionado representa uma regularidade de sentido, ao mesmo tempo, representa deslocamentos, transformação de sentidos. Certas concepções não deixam de reaparecer continuamente; independentes do contexto, certos discursos permanecem. Ao mesmo tempo, os discursos, a cada aparição, vão deslizando para outros lugares de significação.

Para a presente pesquisa alcançar o seu objetivo maior, fez-se necessários alguns procedimentos metodológicos. O ponto de partida desta reflexão sobre a reprodução, o confronto e o deslocamento de sentidos nas toadas de exaltação à Amazônia. Para isso, seguiu-se as seguintes etapas:

- Sistematização das propostas da Análise do Discurso francesa;
- Seleção de 10 toadas para montar um *corpus* para estudo;
- Análise do material coletado;
- Formulação, a partir da noção de polifonia nas toadas atravessadas pelo “interdiscurso”, as bases de uma organização que nos permita discernir e reconstruir, pela linguagem, as imagens da Amazônia;
- Acompanhamento dos tipos de relações entre os sentidos dos textos;

- Perscrutação de alguns rumos que os sentidos presentes nas toadas a partir da mudança de época, tecendo interpretações sobre os pressupostos e as implicações desses rumos;

Empregou-se os métodos analítico-dedutivo e método dialético. Este último foi utilizado devido ser o método empregado pela Análise do Discurso.

Amazônia nas toadas do boi-bumbá Garantido

A análise do gênero toada será realizada neste capítulo abordando-se a categoria discursividade do gênero, que envolve as formações ideológicas, discursivas e caracterização do sujeito do discurso.

Natureza viva

*Ouçó o teu clamor
Contra as queimadas
E a violência do caçador, ô, ô*

*Nesse verde lindo
Que encanta a terra
Eu vivo feliz, nessa floresta.
Brinco e faço festa
Minha fantasia é Parintins*

*Brinco com meu boi
Da baixa do São José
Balança bandeira balança,
Balança meu coração
Balança galera bonita
Balança meu boi campeão*

*Mestre Lindolfo
Fez o boi bonito
O boi bonito meu amor é seu
É de Lindolfo esse boi bonito
O boi que meu Deus deu.*

Braulino; Fred Góes; Paulo Onça, 1994

A toada *Natureza Viva* de 1994 é uma composição de Braulino Lima, Fred Góes e Paulo Onça. Ela apresenta como conteúdo temático exaltação à natureza e à Amazônia e dá ênfase à degradação do bioma por meio das queimadas e da caça predatória. É importante ressaltar que apenas os dois primeiros trechos da toada falam sobre a Amazônia.

Considerando a segunda categoria de análise: discursividade do gênero entende-se que no trecho inicial: “Ouço o teu clamor/ Contra as queimadas/ E a violência do caçador, ô, ô” (BRAULINO; GÓES; ONÇA, 1994), os sujeitos enunciadorees falam sobre a degradação

da fauna amazônica em função das queimadas e da ação predatória dos caçadores que levam muitas vezes à extinção de animais da região. O sujeito enunciativo desse discurso de “clamor” é a própria natureza por sofrer grandes danos em função desses atos.

O sujeito empírico, ao utilizar o recurso de fazer a natureza falar por si mesma, possibilita a criação do sentido de que há um confronto entre homem e a natureza, logo ela fala por si mesma, pois o homem, alguém que é dotado da capacidade de fala, seria seu principal inimigo, ação que faz, no universo literário, que é o da toada, a natureza ganhar voz para defender a sua vida.

As consequências dos atos humanos relacionados à destruição da natureza ficam evidentes no tempo que a natureza leva para se recompor e no número de espécies ameaçadas de extinção atualmente. De acordo com o site Amazônia Real, em 2013, haviam 87 espécies da flora amazônica na lista de ameaçadas de extinção entre elas: a castanheira e o mogno. Quanto à fauna, segundo o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam), há cerca de 40 animais ameaçados de extinção, por exemplo, o peixe-boi e a onça pintada.

O sujeito que escuta o clamor da floresta pode ser entendido como um dos poucos homens que percebem a ação destruidora da maioria dos homens, este sujeito pode ser entendido como sendo o ribeirinho, o caboclo amazônida, alguém que vive feliz em harmonia com a região, conforme evidencia este trecho da toada: “Nesse verde lindo/ Que encanta a terra/ Eu vivo feliz, nessa floresta/ Brinco e faço festa/ Minha fantasia é Parintins” (BRAULINO; GÓES; ONÇA, 1994).

Diferentemente da ação de madeireiros que extraem madeira de forma ilegal da região amazônica, sem a preocupação com o reflorestamento das áreas exploradas. Esse ato deixa como consequência grandes áreas desmatadas e desconstroem a ideia de “verde lindo” apresentado no trecho da toada.

Algumas madeireiras exploram e desmatam até mesmo terras ocupadas por grupos indígenas que, muitas vezes, entram em conflitos com esses homens para proteger suas terras. Como exemplo de terras indígenas que sofrem processo de desmatamento causado pelas madeireiras citamos a Terra Indígena Baú, dos índios menkranotire, localizada nas proximidades da BR-163, na cidade de Novo Progresso no estado do Pará.

Em suma, na toada constata-se que a imagem da região amazônica é construída como local ameaçado pelas queimadas e pela ação predatória dos caçadores e madeireiros que destroem a fauna e a flora da região. É possível perceber também que o ribeirinho, o caboclo amazônida possuem um olhar diferente sobre a região em relação ao homem de fora. Olhar

esse construído nesta toada como o de sujeito que vive feliz e em harmonia com a floresta, portanto deseja que a natureza seja protegida.

Minha Riqueza

*Confesso eu nasci na mata
Nessa mata me criei
Sou um índio guerreiro
Valente garboso
Disse meu rei*

*Vivo na floresta
Lutando pelo que é meu
Minhas pedras preciosas
Meu ouro que lá eu guardei*

*Esta riqueza eu achei
Na montanha da aldeia
Garantido é uma beleza
É fruto da Natureza.*

Mario Gama, 1995.

A toada *Minha Riqueza* do ano de 1995 é do autor empírico, o compositor Mário Gama. Ela faz parte do repertório musical da Associação Folclórica do Boi-bumbá Garantido, apresenta como conteúdo temático a exaltação à natureza e à Amazônia.

Considerando a discursividade do gênero no primeiro trecho: “Confesso eu nasci na mata/ Nessa mata me criei/ Sou um índio guerreiro/ Valente garboso/ Disse meu rei” (GAMA, 1995), sujeito enunciativo fala a partir do lugar social de um indígena para mostrar que nasceu e cresceu na mata, portanto a conhece. Em: “Vivo na floresta/ Lutando pelo que é meu/ Minhas pedras preciosas/ Meu ouro que lá eu guardei” (GAMA, 1995). O sujeito enunciativo ainda ocupando o lugar social do indígena faz soar em seu discurso a luta em prol da preservação das riquezas (metais preciosos) que a natureza amazônica possui.

Nesta toada, vigora a formação discursiva, em que o indígena é apresentado como amigo e protetor da floresta. De acordo com *Orlandi (2002, p. 43,)* a formação discursiva “se define como aquilo que numa formação ideológica dada, a partir de uma posição específica em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode ser dito”. O sujeito discursivo se coloca no lugar social do indígena, visto aqui como protetor da floresta, para construir um discurso de preservação ambiental com ênfase na extração de metais preciosos da região amazônica. A imagem da Amazônia é construída como local ameaçado pelos atos humanos e que precisa ser preservada.

Lamento de Raça

*O índio chorou, o branco chorou
Todo mundo está chorando
A Amazônia está queimando
Ai, ai, que dor
Ai, ai, que horror*

*O meu pé de sapopema
Minha infância virou lenha
Ai, ai, que dor
Ai, ai, que horror*

*Lá se vai a saracura correndo dessa quentura
E não vai mais voltar
Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada
E não vai mais voltar
Lá se vai a macacada junto com a passarada
Para nunca mais, voltar
Para nunca mais, nunca mais voltar*

*Virou deserto o meu torrão
Meu rio secou, pra onde vou?*

*Eu vou convidar a minha tribo
Pra brincar no Garantido
Para o mundo declarar
Nada de queimada ou derrubada
A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar*

*Vamos brincar de boi, tá Garantido
Matar a mata, não é permitido.*

Emerson Maia, 1996

Na década de 90, os impactos causados pelo ser humano ao meio ambiente se tornam mais visíveis no Brasil e no mundo. Este período é marcado pelos discursos em favor da preservação ambiental. Em 1992, ocorre no país a Rio-92 ou Eco92 que reuniu líderes mundiais e entidades ambientais no Rio de Janeiro para analisar a evolução das políticas ambientais. Em 1997, foi a vez de Quioto no Japão que sediou a terceira conferência das partes (COP 3), que resultou no protocolo de Quioto, tratado internacional que apresenta compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que agravam o efeito estufa.

As associações folclóricas Caprichoso e Garantido não ficaram a margem destes debates, isso se reflete tanto nas composições de toadas quanto no conjunto alegórico do festival. A toada *Lamento de Raça*, do ano de 1996, do autor empírico, o compositor amazonense Emerson Maia, que faz parte do repertório musical da Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido, apresenta como conteúdo temático a exaltação à natureza e à Amazônia, ela destaca a degradação ambiental por meio das queimadas, de forma a promover a reflexão sobre tal prática.

Considerando a segunda categoria de análise: discursividade do gênero no trecho inicial da música: “O índio chorou, o branco chorou. Todo mundo está chorando. A Amazônia está queimando. Ai, ai, que dor. Ai, ai, que horror” (MAIA, 1996, p.01), o sujeito enunciador faz referência aos sujeitos atingidos pela degradação e aponta as queimadas como forma dolorosa de agressão à natureza amazônica e aos sujeitos que nela vivem e lutam pela preservação ambiental, como os ambientalistas, ativistas ambientais e os próprios moradores da região como os ribeirinhos.

Na segunda estrofe da toada: “O meu pé de sapopema. Minha infância virou lenha. Ai, ai, que dor. Ai, ai, que horror” (MAIA, 1996, p.01), observa-se o interdiscurso que remete à reflexão sobre a perda de lugares vividos. Percebe-se que os locais que o sujeito enunciador conheceu na infância já não existem, pois num curto período de tempo a Amazônia sofreu grandes danos ambientais por conta das queimadas. O sujeito enunciador faz referência aos incêndios provocados ilegalmente para limpeza e abertura de pastos para gados ou áreas de colheita agrícola. E apresenta a sapopema, espécie comum na região como frágil e facilmente destrutível por conta das queimadas, sendo que esta árvore caracteriza-se por ter raízes de até dois metros de altura ao redor de seu tronco.

Em: “Lá se vai a saracura correndo dessa queimada. E não vai mais voltar. Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada. E não vai mais voltar. Lá se vai a macacada junto com a passarada. Para nunca mais, voltar. Para nunca mais, nunca mais voltar” (MAIA, 1996, p.01), o sujeito enunciador destaca espécies da fauna amazônica, e dentre elas as que estão ameaçadas de extinção como a onça pintada que também sofre por conta dos incêndios na Amazônia.

No verso: “Virou deserto o meu torrão. Meu rio secou, pra onde vou?” (MAIA, 1996, p.01), observa-se o discurso sobre a preocupação dos povos que dependem da natureza para viver. O sujeito enunciador assume papéis sociais e fala a partir do indígena, ribeirinho, mateiro, pescador, juteiro, o caboclo amazonense.

Nesta parte da letra: “Eu vou convidar a minha tribo. Pra brincar no Garantido. Para o mundo declarar. Nada de queimada ou derrubada. A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar. Vamos brincar de boi, tá Garantido. Matar a mata, não é permitido” (MAIA, 1996, p.01), pode-se notar que o sujeito enunciador assume o papel de um indígena, e, no discurso, é possível perceber que o clamor envolve a Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido como respaldo ao seu dizer e para tentar fazer com que os simpatizantes do boi associem-se ao seu clamor.

Nesta toada, constata-se que a imagem da região amazônica é construída como um lugar que precisa ser preservado, pois sofre grandes danos ambientais por causa das queimadas. No discurso, percebe-se que o sujeito discursivo se coloca como indígena como a de agentes sociais, revelando o discurso de luta pela preservação da região, porque há grupos humanos que tiram o sustento deles da natureza.

Nossa Amazônia

*Os ventos uivantes
Que sopram de longe a nos abraçar
Trazendo consigo a riqueza da fauna
Da flora, num canto a nos conscientizar
Que a nossa Amazônia
É um paraíso*

*Reluz no horizonte, onde floresce a vida
Viagem de sonhos, caminho de brisa
Que a mãe natureza teceu com carinho
Fez brotar as cachoeiras tão cristalinas
E um lindo arco-íris brilhar*

*Pra contemplar a piracema semente divina
Pra vida se proliferar
E o cantar do Uirapuru disseminando na mata
Seu lindo canto de paz*

*Unindo os povos da Amazônia na dança das raças
Como no encontro das águas
Para brincar de boi-bumbá
Mais é preciso saber preservar
Nossa Amazônia que é o nosso lar
Ar que eu respiro e que me faz cantar.*

Geandro Pantoja; Demétrios Haidos, 2000.

Analisando-se as formações ideológicas, discursivas e caracterização do sujeito do discurso, percebe-se que o conteúdo temático da toada em estudo é a exaltação à natureza e à Amazônia e dá ênfase a preservação ambiental.

A Amazônia possui uma fauna diversificada possuindo felinos, roedores, aves, quelônios e primatas. A flora amazônica também é rica em diversidade: há inúmeras espécies comestíveis, medicinais, corantes entre outras. Por isso, o sujeito discursivo nesta toada parece ser uma entidade espiritual que consegue ouvir a voz da natureza, metaforicamente apresentada como sendo a voz dos ventos uivantes. A formação ideológica e mítica, no caso é a de que a natureza tem vida.

O sujeito do discurso não assume uma identidade específica, mas remete o ser divino que pela voz também faz ao homem o clamor da natureza que solicita proteção, faz um pedido de alerta em favor da sua preservação.

Os ventos têm um papel importante, pois são eles quem carregam esse alerta e levam até aos sujeitos interlocutores desse discurso:

Os ventos uivantes que sopram de longe/ A nos abraçar/ Trazendo consigo a riqueza da fauna, da flora,/ num canto a nos conscientizar/ Que a nossa Amazônia é um paraíso/ Reluz no horizonte onde floresce a vida/ Viagem de sonhos, caminho de brisa/ Que a mãe Natureza teceu com carinho (PANTOJA; HAIDOS, 2000).

No segundo trecho, o sujeito do discurso descreve as belezas que a natureza oferece. A piracema, movimento migratório dos peixes para reprodução que ocorre apenas em época de chuva pode ser entendido como sinônimo de vida. “Fez brotar as cachoeiras tão cristalinas/ E um lindo arco-íris brilhar/ Pra contemplar a piracema, semente divina/ Para vida se proliferar” (PANTOJA; HAIDOS, 2000).

O canto do uirapuru também é levado pelo vento, segundo conhecimento tradicional de povos da floresta, quando esse pássaro canta, todos os outros param de cantar e o escutam. Por isso, interpreta-se que seu canto aparece na toada com o poder de unir os povos de culturas diferentes, assim como são diferentes os rios Negros, de água preta, e o rio Solimões, de água barrenta, responsáveis pela formação do encontro das águas.

No último trecho: “Para brincar de boi-bumbá/ Mas é preciso saber preservar / Nossa Amazônia que é o nosso lar/ Ar que eu respiro e que me faz cantar” (PANTOJA; HAIDOS, 2000), o sujeito do discurso afirma que para que haja a brincadeira de boi é preciso preservar a Amazônia. O boi-bumbá é tradicional da Amazônia, logo a destruição da região pode contribuir para a destruição das manifestações culturais do lugar.

Nesta toada, portanto, à imagem da Amazônia é construída como local cheio de vida que se manifesta nos animais e nas árvores, assim como no vento, mas está ameaçada pelos atos humanos.

Amazônia Santuário de Esmeralda

*Amazônia santuário de esmeralda
Pôr-do-sol beija tuas águas
Pátria verde florescida
Pelas lágrimas divinas
A grinalda do luar vem te abençoar*

Templos de rios, florestas,

*Lagos e cachoeiras
Encontro das águas das cores da natureza
Anavilhanas, jaú, janauari,
Macuricanã, mamirauá*

*Teus santuários ecológicos
Teus sublimes mananciais
Murmuram uma triste oração
A nossa fauna corre o risco extinção
Onça pintada, cutia, preguiça
Tamanduá bandeira, ariranha
Peixe-boi, tartaruga, sauim de coleira*

*Na revoada dos pássaros
A dança da liberdade
Não tire as penas da vida
Proteja a biodiversidade
No ermo da Amazônia
Bicho folharal cantará
Preserva a natureza
É preservar o próprio homem
Mãe, mãe natureza (bis)*

Demétrios Haidos; Geandro Pantoja, 2003

A toada *Amazônia santuário de esmeralda* do ano de 2003 é uma composição dos autores Demétrios Haidos e Geandro Pantoja. Ela apresenta como conteúdo temático a exaltação à natureza e a Amazônia e dá ênfase a preservação da fauna e da flora da região.

No trecho inicial, os sujeitos discursivos apresentam a formação ideológica de que a Amazônia possui terras ricas com uma grande biodiversidade, por isso é sagrada para os povos indígenas que nela vivem, assim como para as comunidades tradicionais que tiram seu alimento da natureza como se pode notar em: “Amazônia santuário de esmeralda/ Pôr do sol beija tuas águas/ Pátria verde florescida/ Pelas lágrimas divinas/ A grinalda do luar vem te abençoar” (HAIDOS; PANTOJA, 2003). No verso “Pátria verde florescida” (HAIDOS; PANTOJA, 2003), o sujeito discursivo afirma que a Amazônia pertence ao Brasil e não ao mundo, se opondo ao discurso de que a região deve ser internacionalizada.

No segundo verso: “Templos de rios, florestas,/ Lagos e cachoeiras/ Encontro das águas das cores da natureza/ Anavilhanas, jaú, janauari,/ Macuricanã, mamirauá” (HAIDOS; PANTOJA, 2003), o sujeito do discurso lista os parques ecológicos da região para mostrar que apesar do desflorestamento ainda há lugares que estão sendo preservados com a ajuda de pessoas que lutam em defesa da natureza.

No terceiro verso, o sujeito enunciador destaca animais peculiares da região, numa forma de apresentar algumas espécies ameaçadas de extinção devido à ação destruidora dos

homens. Esse sujeito pode ser entendido como um guerreiro que usa sua voz para defender a Amazônia: Teus santuários ecológicos/ Teus sublimes mananciais/ Murmuram uma triste oração/ A nossa fauna corre o risco extinção/ Onça pintada, cutia, preguiça/ Tamanduá bandeira, ariranha/ Peixe-boi, tartaruga, sauíim de coleira (HAIDOS; PANTOJA, 2003).

No trecho final: “Na revoada dos pássaros/ A dança da liberdade/ Não tire as penas da vida/ Proteja a biodiversidade/ No ermo da Amazônia/ Bicho folharal cantar/ Preserva a natureza/ É preservar o próprio homem/ Mãe, mãe natureza (bis)” (HAIDOS; PANTOJA, 2003), o sujeito do discurso alerta sobre a preservação da biodiversidade e produz um discurso que nos permite entender que o tráfico de animais silvestres deve ser evitado, pois muitos caçadores levam pássaros, a exemplo deste trecho da toada, de forma clandestina para outros países para serem criados em cativeiro.

Os mitos e lendas fazem parte do imaginário popular amazônico, sobretudo nas comunidades ribeirinhas. O bicho folharal é um personagem que faz parte do lendário da região, ele é considerado o protetor da floresta, é descrito como homemcamaleão camuflado com folhas. O bicho folharal ganha voz para pedir a preservação da natureza, pois sem ela nem o homem sobreviverá.

Nesta toada, o sujeito do discurso faz uma denúncia dos crimes ambientais, e utiliza a linguagem literária para falar da realidade que afeta a Amazônia. Usa uma linguagem universal através da música para atingir diversos interlocutores e assim saberem dos problemas que afligem a região. A imagem da Amazônia apresenta-se como local a ser preservado, pois há diversos parques ecológicos e principalmente porque várias espécies da fauna correm risco de extinção.

Caboclo da Amazônia

*A lamparina ilumina o caminho
Do caboclo da Amazônia
Terçado e caniço nas mãos
Não se cansa da lida
Vai enfrentar sua sina*

*Na canoa da esperança
Pesca a vida nessas águas
A certeza do amanhã
Nas firmeza das remadas*

*Tem peixe na malhadeira
Farinha e beijú na sua mesa
Caboclo da Amazônia
Na várzea um juteiro mergulha sem medo
Em busca da fibra nas águas*

*Ordenha o vaqueiro faz cedo
E na proa da canoa
Pescador lança a tarrafa
Na terra firme
O seringueiro defuma a borracha
Piaçaveiro se embrenha nas matas
Farinheiro escorrendo o seu tipiti
Em junho empunha uma lança
Quimera é brincar desde a infância
Na festa do boi Garantido.*

Geandro Pantoja; Demétrios Haidos, 2003

A toada *Caboclo da Amazônia* é uma composição de 2003 dos autores Geandro Pantoja e Demétrios Haidos. Ela apresenta como conteúdo temático a exaltação à natureza e a Amazônia e dá ênfase ao cotidiano de alguns dos sujeitos formadores sociais da região: o seringueiro, o pescador, o juteiro, o farinheiro, o vaqueiro e o piaçaveiro.

No trecho inicial da toada: “A lamparina ilumina o caminho / Do caboclo da Amazônia / Terçado e caniço nas mãos/ Não se cansa da lida / Vai enfrentar sua sina” (PANTOJA; HAIDOS, 2003), o sujeito enunciatador fala a cerca do cotidiano do caboclo amazônida que ainda vive em meio à floresta longe da cidade. Muitas comunidades amazônicas ainda não possuem energia elétrica, a lamparina é o objeto usado para iluminar as casas ou os caminhos em meio à mata. O terçado é utilizado para abrir caminho na floresta e o caniço é usado na caça de animais ou na pesca.

No trecho: “Na canoa da esperança/ Pesca a vida nessas águas/ A certeza do amanhã/ Nas firmeza das remadas” (PANTOJA; HAIDOS, 2003), fica claro que o sujeito enunciatador critica o abandono do caboclo que vive do que retira da natureza e do que ele mesmo produz. Esse caboclo é esquecido e abandonado pelas autoridades. A canoa torna-se símbolo da esperança porque é por meio dela que o pescador tira seu sustento. É com a pesca que ele pode acreditar num futuro melhor para sua família, apesar da atividade pesqueira requerer um grande esforço físico o pescador já está acostumado, pois desde criança lida com a atividade.

O sujeito enunciatador fala também da economia da região. A atividade pesqueira e os derivados da mandioca como a farinha e o beijú, assim como do leite de onde é produzido queijo e a qualhada, além de serem alimentos típicos, sempre presentes na mesa do caboclo, são também fontes de renda desse povo, pois muitas pessoas vivem da venda desses alimentos. O vaqueiro também é uma das profissões presentes na região, ele é responsável por cuidar do gado. Já a juta foi introduzida na região na década de 30 e por muitos anos foi fonte de renda de muitos moradores da região amazônica:

Tem peixe na malhadeira / Farinha e beijú na sua mesa/ Caboclo da Amazônia/ Na várzea um juteiro mergulha sem medo / Em busca da fibra nas águas / Ordenha o vaqueiro faz cedo/ E na proa da canoa/ Pescador lança a tarrafa (PANTOJA; HAIDOS, 2003).

No último trecho, o sujeito enunciador descreve outras forma de sobrevivência do caboclo: “Na terra firme / O seringueiro defuma a borracha/ Piaçaveiro se embrenha nas matas Farinheiro escorrendo o seu tipiti/ Em junho empunha uma lança/ Quimera é brincar desde a infância/ Na festa do boi Garantido” (PANTOJA; HAIDOS, 2003).

A seringueira por muitos anos também foi fonte de sustento de muitos homens da região, principalmente nos dois períodos áureos da borracha. A piaçava é uma fibra usada na fabricação de vassoura, o piaçaveiro é responsável por se embrenhar na mata para procurar a fibra. O tipiti é um cesto de palha, usado para espremer a massa da mandioca. O sujeito enunciador se constrói como historiador e crítico social, pois faz uma análise da conjuntura social, histórica do morador da Amazônia e dá a entender que um dos prazeres do caboclo é esperar o mês de junho para poder brincar de boi-bumbá.

Em suma, nesta toada, o sujeito enunciador mostra a realidade do caboclo amazônida, numa forma de crítica, pois apesar dos avanços tecnológicos, ele ainda vive de forma tradicional, sem os benefícios que chegaram a outras regiões. A imagem da Amazônia é construída como local que possui uma diversidade de figuras humanas que ocupam lugares sociais diferentes, mas que vivem de forma parecida, tirando o sustento diário da floresta.

Índio do Brasil

*Sou igara nessas águas
Sou a seiva dessas matas
E o ruflar das asas de um beija-flor*

*Eu vivia em plena harmonia com a natureza
Mas um triste dia o kariwa invasor
No meu solo sagrado pisou*

*Desbotando o verde das florestas
Garimpando o leito desses rios
Já são cinco séculos de exploração
Mas a resistência ainda pulsa no meu coração*

*Na cerâmica Marajoara, no remo Sateré
Na plumária ka'apor, na pintura kadiwéu
No muiraquitã da icamiaba
Na zarabatana Makú, no arco Mundurukú
No manto Tupinambá, na flecha kamayurá
Na oração Dessana...*

*Canta índio do Brasil
Canta índio do Brasil
Anauê nhandeva, anauê hei, hei, hei!
"Dos filhos deste solo és mãe gentil pátria amada Brasil".*

Geandro Pantoja; Demétrios Haidos, 2004

A toada *Índio do Brasil*, de 2004, dos compositores Geandro Pantoja e Demétrios Haidos, apresenta como conteúdo temático a exaltação à natureza e à Amazônia, ela dá ênfase a degradação ambiental por meio do desmatamento e do garimpo.

No trecho: “Sou igara nessas águas. Sou a seiva dessas matas. E o ruflar das asas de um beija-flor” (PANTOJA; HAIDOS, 2004, p.03). De início os sujeitos enunciativos fazem referência a uma canoa típica da região Amazônica feita de casca de árvore, ela é muito utilizada por ribeirinhos e indígenas. No segundo verso, faz referência ao líquido que circula nos vegetais, assim como ao movimento das asas do beija-flor. Os sujeitos enunciativos citam a igara, a seiva e o ruflar das asas do beija-flor para dizer que a vida está em tudo.

Como o sujeito discursivo é pensado como posição entre outras (ORLANDI, 2002, p. 49), percebe-se que no trecho: “Eu vivia em plena harmonia com a natureza. Mas um triste dia o kariwa invasor. No meu solo sagrado pisou” (PANTOJA; HAIDOS, 2004, p.03), o sujeito discursivo ocupa a posição de um índio, pois os povos indígenas respeitam o ambiente em que vivem, pois tiram seu sustento da natureza de forma sustentável, ao contrário do “kariwa” que na língua Nheengatu quer dizer “homem branco”. No trecho seguinte, é possível perceber as consequências do contato do “homem branco” com a natureza: “Desbotando o verde das florestas. Garimpando o leito desses rios” (PANTOJA; HAIDOS, 2004, p. 3). A derrubada continua das árvores resulta em grandes áreas desmatadas que equivalem a diversos campos de futebol. O verde vai dando lugar ao cinza das queimadas e ao marrom das terras. A busca por metais preciosos como o ouro leva à poluição de muitos rios da Amazônia, pois os mineradores usam o mercúrio para identificar o ouro.

No trecho: “Já são cinco séculos de exploração, Mas a resistência ainda pulsa no meu coração” (PANTOJA; HAIDOS, 2004, p. 3). O sujeito enunciativo remete aos 500 anos de descobrimento do Brasil, desde a chegada dos colonizadores ao país foram retiradas muitas riquezas como ouro e diamante. A exploração predatória teve início com pau-brasil, de onde era extraído um corante avermelhado. A produção de açúcar e café fez com que grandes áreas fossem desmatadas em outras regiões do Brasil.

No trecho: “Na cerâmica Marajoara, no remo Sateré, Na plumária ka'apor, na pintura kadiwéu, No muiiraquitã da icamiaba, Na zarabatana Makú, no arco Mundurukú, No manto

Tupinambá, na flecha kamayurá, Na oração Dessana” (PANTOJA; HAIDOS, 2004, p. 3), o sujeito enunciativo faz referência à produção artística dos povos que habitam ou habitavam a região amazônica. A cerâmica marajoara é fruto do trabalho dos indígenas que habitavam a ilha de Marajó no estado do Pará. Os Sateré-Mawé acreditam que existem remos sagrados, onde estão contidas todas as histórias tradicionais de seu povo, desde o início do mundo. Os indígenas Ka'apor produzem adornos feito de penas que são retiradas de diversos pássaros. Os Kadiwéu produzem desenhos corporais com tinta obtida dos recursos naturais como o suco de jenipapo e carvão. O muiiraquitã era usado pelas icamiabas como amuleto, geralmente o amuleto tem a forma de sapo. A zarabatana dos índios Makú é uma arma de sopro feita de madeira, caule oco, usada por tribos indígenas para caçar. O arco dos Munduruku também é um objeto usado na caça de animais e na guerra. O manto Tupinambá era usado em cerimônias canibais. Os povos da etnia Dessana possuem uma crença forte, tanto quanto a origem de seu povo ou da morte.

No trecho final: “Dos filhos deste solo és mãe gentil pátria amada Brasil” (PANTOJA; HAIDOS, 2004, p.03), é possível perceber que o sujeito enunciativo usa o recurso de polifonia, constituindo a voz do cidadão brasileiro, vivente na Amazônia, muitas vezes esquecido, para sugerir a ideia de que os amazônidas são tão filhos da pátria quantos os outros brasileiros, mas que estão sendo explorados, pois se explora e destrói a Amazônia. Logo, a toada apresenta um clamor para o estado brasileiro olhar para essa população que vive na Amazônia.

Em suma, a toada ressalta que a mais de 500 anos a Amazônia vem tendo seus recursos naturais explorados de forma predatória. O desmatamento e as atividades do garimpo contribuem para esta devastação. O sujeito discursivo fala a partir do lugar social do indígena para enfatizar que ao contrário do “homem branco”, os indígenas vivem sempre em harmonia com natureza até mesmo quando utiliza seus recursos. É possível perceber também que a região amazônica é construída como berço de diversas etnias indígenas, onde muitas delas já foram extintas.

Aquarela da Amazônia

*Abra os olhos e veja a festa da natureza
Que os deuses pintaram pra nós
Amazônia um legado em aquarela*

*Sublime canção a exaltar
Água terra, fauna, flora e cultura
Sublime canção a exaltar*

A dança divina da vida

*Obra-prima emoldurada de flores
Festa de luzes e cores
Artes feita com amor e singelas poesias
A brisa conduz o voo dos pássaros
Compondo melodias naturais
Exóticos e raros orquidários
Abrigam os sonhos de paz*

*Menina dos olhos do mundo
Onde a vida clama preservação
E o artista traduz a magia
Em aquarela pinta sua paixão
O nosso amor é a Amazônia*

*Dos sonhos de Chico Mendes
Em defesa do ambiente
O nosso amor é a Amazônia
Exaltada nas toadas
Na festa do boi Garantido*

Geandro Pantoja; Demétrios Haidos; Naferson Cruz, 2005

A toada *Aquarela da Amazônia* do ano de 2005 é uma composição dos autores Geandro Pantoja, Demétrios Haidos e Naferson Cruz. Apresenta como conteúdo temático à exaltação a natureza e à Amazônia, dando ênfase às belezas que a região possui.

A toada o sujeito enunciator fala diretamente com os sujeitos interlocutores a cerca das belezas naturais que a região amazônica possui por isso pede que abram seus olhos.

Abra os olhos e veja a festa da natureza/ Que os deuses pintaram pra nós/ Amazônia um legado em aquarela/ Sublime canção a exaltar/ Água terra fauna flora e cultura/ Sublime canção a exaltar/ Obra-prima emoldurada de flores (PANTOJA, HAIDOS, CRUZ, 2005).

No verso: “Que os deuses pintaram pra nós” (PANTOJA, HAIDOS, CRUZ, 2005), é possível ter acesso a formação ideológica da religiosidade indígena em que se acredita na existência de diversos deuses como Tupã, senhor do raio, do relâmpago e do trovão, que é considerado o deus bom, já Anhangá ou Jurupari é um espírito maligno e vingativo. Os indígenas têm a natureza e a astrologia como base de sua religião por isso consideram sagrados os elementos do meio ambiente, como os rios, as matas e os astros.

Uma obra de arte é considerada uma obra-prima extraordinária, de grande perfeição, é o melhor trabalho de um artista. Neste sentido, o sujeito enunciator poeticamente utiliza essa metáfora para revelar seu olhar sobre a Amazônia. Esse olhar mostra que ele considera a região uma obra de arte perfeita e admirável, esculpida pelos deuses.

Ainda no primeiro verso há a ideia de que a natureza por si é uma festa onde várias espécies de pássaros, por exemplo, emitem diversos sons, assim como o próprio vento que através do contato com as árvores ou tronco de árvores ocas também produz melodias naturais.

A palavra aquarela remete a cores e a água, neste sentido as cores podem ser interpretada nesta toada pelo colorido diversificado existente através das plantas, árvores e flores, assim como o colorido das plumagens dos pássaros, já a água dos rios e lagos existente na floresta amazônica.

No trecho: “Menina dos olhos do mundo/ Onde a vida clama preservação/ E o artista traduz a magia/ Em aquarela pinta sua paixão/ O nosso amor é a Amazônia/ Dos sonhos de Chico Mendes” (PANTOJA, HAIDOS, CRUZ, 2005), é possível perceber no verso “menina dos olhos do mundo” o interdiscurso de que a Amazônia tem significado especial para pessoas de outros países pela grande extensão de suas florestas e espécies de animais, muitos estrangeiros veem para a região em busca do exótico, ou pela ideia de aventura.

A Amazônia desperta também grande interesse financeiro, principalmente por algumas madeireiras que ainda extraem madeira das florestas de forma ilegal e predatória. Há também o interesse de algumas empresas das indústrias farmacêuticas e cosméticas do exterior que demonstram interesse pelo potencial dos produtos dos biomas brasileiros.

“Em aquarela pinta sua paixão” (PANTOJA, HAIDOS, CRUZ, 2005), mostra-se o amor que os sujeitos sentem pela Amazônia, expressado por meio da música e da arte durante o festival folclórico de Parintins. Chico Mendes, que também é citado neste trecho foi um seringueiro, ativista ambiental que lutava em defesa da preservação da Amazônia, o sujeito do discurso cita o nome dele para significar que há muitos anos existem pessoas que lutam contra o desmatamento da floresta.

No último verso, o sujeito discursivo trás para o discurso a voz da associação folclórica do boi-bumbá Garantido para mostrar que o bumbá também se preocupa com a preservação do ambiente e que ama a região Amazônica: “Em defesa do ambiente/ O nosso amor é a Amazônia/ Exaltada nas toadas/ Na festa do boi Garantido” (PANTOJA, HAIDOS, CRUZ, 2005).

Em suma, nesta toada o sujeito discurso, poeticamente aborda temas polêmicos para chamar atenção dos interlocutores. Seu canto é um clamor, é uma forma de utilizar a arte (toada) para ser ouvido e influenciar na visão de mundo dos interlocutores.

A grande maloca

*A esperança rege a canção da Amazônia
Os povos da floresta e os pássaros entoam
Em uma sinfonia de amor
Sublimando a vida e o Grande Criador
oh ohh ohh oh ohhhhh*

*Mãe natureza ensina os povos a viver
A conviver em harmonia e sonhar
Mas não são todos que almejam aprender
E mesmo contra a correnteza vão remar*

*Se a humanidade não cuida da grande maloca,
A natureza dedilha tristes acordes
Tambores a ecoar pro o mundo não se acabar (2x)*

*Na fúria do mar e dos ventos
No gemido da Terra e da selva
E na seca dos rios da Amazônia a vida suplicará*

*Acauã anuncia maus presságios
A pátria das águas será a pátria dos sertões
Ianbú prenuncia noite longa
É preciso sonhar e pensar nas futuras gerações
Kunjubim canta o novo alvorecer
Paz e solidariedade precisamos semear
O Uirapuru dissemina o amor
E a canção do amor vamos entoar
Terra: a grande maloca que devemos cuidar enquanto houver amanhã
Terra: a grande maloca nossa mãe, nosso lar (2x)*

*Se a humanidade não cuida da grande maloca,
A natureza dedilha tristes acordes
Tambores a ecoar pro o mundo não se acabar (2x)*

*Na fúria do mar e dos ventos
No gemido das terras e da selva
E na seca dos rios da Amazônia a vida suplicará
Terra: a grande maloca que devemos cuidar enquanto houver amanhã
Terra: a grande maloca nossa mãe, nosso lar (bis)*

Demétrios Haidos; Geandro Pantoja, 2006

A toada *A grande maloca* de 2006 é uma composição de Geandro Pantoja e Demétrios Haidos. Ela apresenta como conteúdo temático a exaltação à natureza e à Amazônia e dá ênfase à seca dos rios da região.

No trecho inicial da toada: “A esperança rege a canção da Amazônia/ Os povos da floresta e os pássaros entoam/ Em uma sinfonia de amor/ Sublimando a vida e o Grande Criador” (PANTOJA; HAIDOS, 2006), os sujeitos enunciadorees utilizam a palavra “canção” para denotar que os povos da região são movidos pela esperança e pelo amor que possuem pela floresta Amazônica e, assim, exaltam a vida e o criador de todas as coisas por meio da

música.

Nos versos: “Mãe natureza ensina os povos a viver/ A conviver em harmonia e sonhar” (PANTOJA; HAIDOS, 2006). A mãe natureza é uma divindade representada pela natureza (as florestas, os rios e lagos, etc.). Os povos indígenas a respeitam, no entanto, observa-se no verso: “Mas não são todos que almejam aprender/ E mesmo contra a correnteza vão remar” (PANTOJA; HAIDOS, 2006) o interdiscurso que reflete a noção de que nem todas as pessoas possuem o mesmo respeito à natureza e provocam a degradação do ambiente.

Nesta parte da toada, fica claro que o homem amazônida possui um olhar diferente do homem de outras regiões. O indígena, por exemplo, acredita na formação discursiva que vê a mãe natureza como entidade protetora da floresta, enquanto o homem de outros locais e até mesmo da própria região não a tem como formadora de seu pensamento. Logo, o discurso da toada recorre às crenças, contos e lendas amazônicas como verdadeiros e vivos na memória discursiva de alguns habitantes da região e de outras localidades do Brasil.

No trecho: “Se a humanidade não cuida da grande maloca,/ A natureza dedilha tristes acordes/ Tambores a ecoar pro o mundo não se acabar” (PANTOJA; HAIDOS, 2006). Os sujeitos enunciativos chamam a terra de maloca, que em Nheengatu quer dizer casa e advertem acerca da falta de cuidados com a natureza, mais uma vez fazem por meio de menções à música.

Sendo a terra a casa do indígena, pode-se concluir que esses sujeitos são os primeiros a sentir os efeitos da degradação da natureza. Os povos tradicionais (os indígenas) habitam a região desde antes da colonização. Eles são os donos desse território e até os primeiros contatos com homem branco viviam em harmonia com a natureza. Mas com a chegada do homem branco veem sendo exterminados assim como a floresta. Neste sentido matar a floresta é o mesmo que matar o indígena.

No trecho: “Na fúria do mar e dos ventos/ No gemido da Terra e da selva/ E na seca dos rios da Amazônia a vida suplicará” (PANTOJA; HAIDOS, 2006). Observa-se o interdiscurso que remete à ideia de que a degradação da floresta e rios da Amazônia influencia em desastres naturais em diversas regiões do mundo. De acordo com os estudos do cientista Antonio Donato (informação verbal)³ o desmatamento afeta o fornecimento de vapor para a atmosfera e prejudica o transporte deste para regiões que ficam a jusante dos rios aéreos. O Sudeste é receptor e dependente da umidade exportada como serviço ambiental pela floresta

³ Entrevista concedida por Antonio Donato a Maura Camapanili do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, em 2015.

amazônica. Portanto, a falta de água da região sudeste do Brasil é um exemplo, pois acredita-se que a derrubada das árvores da Amazônia influencia no ciclo das águas da região.

No trecho: “Acauã anuncia maus presságios/ A pátria das águas será a pátria dos sertões/ Ianbú prenuncia noite longa/ É preciso sonhar e pensar nas futuras gerações” (PANTOJA; HAIDOS, 2006), os sujeitos enunciativos falam que a região que é rica em recursos hídricos pode ficar como o sertão brasileiro que há muito tempo sofre com a seca. E remetem a memória discursiva indígena em que desastres ambientais podem acontecer se a natureza entrar em desequilíbrio por causa da exploração de seus recursos. Isso fica evidente no interdiscurso contido nas lendas de Acauã e Ianbú que preveem maus tempos para o mundo.

Contudo, nesta toada a imagem da Amazônia, além de ser construída como local a ser preservado da ação exploratória do homem, também é vista como a casa de todos os seres. Ficou evidente ainda que os danos a natureza trazem consequências a outras regiões do país como a falta de água.

Conclusão

Esta pesquisa buscou investigar como a imagem da Amazônia é construída discursivamente nas toadas do boi-bumbá Garantido dos anos de 1994 a 2006, tendo em vista os pressupostos da teoria da Análise do Discurso.

Nas toadas os sujeitos enunciativos ocupam o lugar de outros sujeitos sociais, os ribeirinhos e indígenas, o caboclo amazonense, e o sujeito discursivo produz discursos em favor da preservação ambiental da região amazônica. Esse sujeito discursivo revela vozes dos povos amazônidas, traduz um olhar peculiar sobre a região diferentemente das vozes dos discursos de sujeitos de fora da região. Nas toadas, esse olhar é construído como o de um sujeito que vive em harmonia e feliz em meio à floresta e que percebe a devastação, por isso almeja a proteção dela.

O sujeito enunciativo, ao se metamorfosear assumindo identidade de ribeirinho, caboclo ou indígena, faz uso de uma linguagem universal: a toada, gênero capaz de circular em todo o mundo caso ganhe notoriedade. Através do uso alegórico da descrição da natureza, do canto dos pássaros, da fuga das queimadas ou da beleza que a região possui, o sujeito enunciativo busca persuadir o interlocutor para difundir a formação ideológica de proteção ao ambiente amazônico.

Para esse sujeito enunciativo o imaginário amazônico configura-se em: proteger a fauna e a flora é a preservação da cultura da região que era para ser intocada e respeitada, mas não é, pois esta sendo agredida de diversas formas. Diante disso, confirmam-se as hipóteses de que as toadas em sua maioria tratam sobre a degradação ambiental da Amazônia, bem como a imagem da Amazônia é construída discursivamente como uma região intocada. Também se observa que as toadas refletem uma imagem da Amazônia como sagrada e não estereotipada. O sujeito discursivo canta uma Amazônia de seus antepassados que aos poucos deixa de existir.

Nas letras das toadas é destacado metaforicamente os meios de degradação dos recursos naturais que se pressupõe serem os principais o desmatamento por meio das queimadas ilegais ou para abertura de pastos para gados e para agricultura. Também falasse sobre a atividade garimpeira que resulta em danos ambientais através da poluição de rios pelo uso do mercúrio, bem como pela ação predatória dos caçadores e madeireiros que destroem a fauna e a flora da região aumentando o número de animais e árvores ameaçadas de extinção.

Em suma, o estudo revelou que os discursos presentes nas toadas fazem clamor a preservação da região amazônica, principalmente porque os primeiros a sentir os impactos da devastação são as pessoas e animais residentes na região, apesar da constante degradação da Amazônia levar consequências outras localidades do país.

Diante desses resultados, entende-se a importância do gênero toada como meio divulgador da formação ideológica de preservação ambiental da cultura amazônica. Esse gênero popular da região norte não só é importante por fazer as torcidas das associações folclóricas vibrarem e os itens evoluírem na arena, mas é importante por que revela a voz e o discurso dos povos da Amazônia e revelam um pouco da identidade e ilhar desse povo que luta diariamente para manter sua alteridade.

Referências

BAKHTIN, M.. Estética da criação verbal. (4ª Ed.) São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAGA, Sergio Ivan. Os bois de Parintins. Rio de Janeiro: Editora Funarte, coedição com Universidade do Amazonas, 2002.

BRAULINO; GOES, Fred; ONÇA, Paulo. Natureza Viva. In: _ Templos das eternas lendas. 1994.

CARVALHO, Frederico Zeymer Feu de. O sujeito no discurso: Pêcheux e Lacan. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/poslin/defesas/719d.pdf>>. Acesso em: 18 de setembro de 2014.

DIONISIO, Angela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros Textuais e Ensino. (4ª ed). Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

FARIAS, Julio Cesar. De Parintins para o mundo ouvir: na cadência das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido. Rio de Janeiro: Litteris Ed, 2005.

GAMA, Mario. Minha Riqueza. IN:_Garantido: Uma viagem à Amazônia. 1995

JENSEN, Cheryl Joyce; RODRIGUES, Aryon D; SILVA Alcionilio Bruzzi Alves da. Vocabulário indígena da Amazônia. 2015. Disponível em: WWW.geocities.ws/indiosbr_nicolal/tupi-iga.html. Acesso em: 30 de janeiro de 2015.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Maria de Andrade.(1991). Fundamentos de Metodologia Científica. 3ªed:São Paulo: Atlas.

MAIA, Emerson. Lamento de Raça. In: _Lendas rituais e sonhos. 1996.

ORLANDI, E. P. Análise de discursos: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

PANTOJA, Geandro; HAIDOS, Demétrios. A grande Maloca. Disponível em <<<http://letras.mus.br/garantido/535706/>>> Acesso em agosto de 2014.

PANTOJA, Geandro; HAIDOS, Demétrios. Nossa Amazônia. In:_Parintins: toada e boi-bumbá. Nº1, 2000.

PANTOJA, Geandro; HAIDOS, Demétrios; CRUZ, Naferson. Aquarela da Amazônia. Disponível em: <<<http://letras.mus.br/david-assayag/990616/>>>2005

PANTOJA,Geandro & HAIDOS, Demétrios. Índio do Brasil. In:_ Revista Parintins toada e boi bumbá. Nº 5, 2004.

PANTOJA,Geandro; HAIDOS, Demétrios. Amazônia Santuário de esmeralda. In:_ Parintins: toada e boi-bumbá. Nº 4, 2003.

PANTOJA,Geandro; HAIDOS, Demétrios. Caboclo da Amazônia . In:_ Parintins: toada e boi-bumbá. Nº 4, 2003.

PÊCHEUX, Michel (1984). Discurso: estrutura ou acontecimento.Campinas: Pontes

_____.(1995). Semântica e Discurso (2a. ed.). Campinas: UNICAMP.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes e. Sobre a Análise de Discurso. Revista de Psicologia da UNESP, 4(1), 2005. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/30/55>>. Acesso em 22 de março de 2014.

SOUZA, João Jorge de. Parintins: A ilha do Folclore. Manaus: Ed: Governo do Estado do Amazonas, 1989.

VALENTIN, Andreas. Contrários- A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2005.